



* A. C. Portinari Greggio

E AGORA, PRESIDENTE BOLSONARO: DESATA OU CORTA O NÓ?

A vontade revolucionária do povo não pode ser ignorada nem enganada.

A vitória de Bolsonaro foi uma **revolução**, mas parece que quase ninguém entendeu a mensagem dos eleitores. Revoluções são inevitáveis. **Revoluções construtivas** só podem acontecer se forem orientadas por uma teoria e conduzidas por uma **organização**, segundo uma **estratégia**. Quando não há teoria, organização e estratégia, a revolução **acontece de qualquer jeito**, às vezes como **catástrofe**.

Pois bem: a **revolução de 2018** aconteceu de **qualquer jeito**. Ao votar em Bolsonaro, o povo disse **NÃO à degeneração geral do País**. E Bolsonaro recebeu um **mandato em branco**, sem definição da sua missão nem instruções sobre como cumpri-la. Para dificultar, ele e sua equipe juraram **cumprir a constituição de 1988**. Essa é a contradição fundamental, pois se fizermos uma lista de **tudo o que os eleitores rejeitam**, veremos que se resume no **espírito** e nos **princípios da constituição de 1988**. O povo não quer apenas austeridade, honestidade, transparência. O povo quer **derrogar a constituição de 1988**, ou seja, mudar tudo, principalmente o clima geral de desmoralização e depravação permitido e protegido por ela.

O governo de Bolsonaro, povoado de militares, é uma **tecnocracia competente**, mas sem **élan revolucionário**. Cordiais, conciliadores, desmentem a imagem do militar truculento e golpista. Mas essa mesma cordialidade faz a **oligarquia derrotada** perder o medo e ensaiar o mesmo jogo de sempre, adaptado às novas condições.

O novo governo atravessa uma **crise de identidade**. Assumiu o poder, mas ainda não decidiu o **que é**. De facto, é um **governo revolucionário**. De jure, é **mais um governo gerado sob a constituição de 1988**.

Para entender o espírito do mandato outorgado pelo povo a Bolsonaro, temos de examinar as reais razões pelas quais foi eleito. Como deputado federal, era membro do baixo clero. Em vez de **protagonista** do poder, preferia o papel de **antagonista** do sistema. Não se compro-

metia. Defendia as Forças Armadas, a Pátria e a Família. Isso o colocava, automaticamente, como principal inimigo do sistema de poder da **constituição de 1988**.

A constituição de 1988 é um documento curioso. No preâmbulo, os constituintes anunciam:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade frater-



Alexandre corta o Nó Górdio. Pintura de Fedele Fischetti, século 17

na, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias... etc.

Toda essa longa algaravia podia ser resumida:

Nós, políticos autoneomeados como assembleia constituinte, instituímos um esquema para afirmar nosso poder e negar tudo o que o regime militar pensava, dizia e fazia.

Tanto é verdade que, nesses trinta e tantos anos de "democracia", uma das principais ocupações dos governos, da mídia e da intelectualia foi **falar mal dos militares e da "ditadura"**, ao mesmo tempo em que **roubavam e destruíam os fundamentos da Nação**. Erraram na combinação. A maioria

do público logo deduziu que, se os bandidos odeiam o xerife, o xerife deve ser o mocho. Aos poucos cresceu na opinião pública um curioso saudosismo do regime militar. Curioso, porque a maioria jamais vivera naquela época. Exigiam **intervenção militar**. Mas os líderes militares rejeitavam veementemente essa hipótese.

Que fazer? Resposta: **eleger Bolsonaro**. Se os comandos das FFAA não usavam, a eleição de um militar capaz de mobilizá-las não podia ser impedida. Portanto, Bolsonaro polarizou o descontentamento popular porque parecia ser o **caminho legal para a intervenção militar**. Se fosse apenas o caso de eleger algum conservador ou direita, havia outros candidatos civis. Mas as raízes militares de Bolsonaro prevaleceram. O povo estava convencido de que a **força** é o único jeito de mudar tudo. Não a **violência**, mas a **força**, capaz de **persuadir pela dissuasão**.

Mas, exatamente como prevíamos em artigo publicado em janeiro de 2016, a oligarquia política fingiu que engolia a vitória de Bolsonaro, mas desde o início passou a conspirar para derrubá-lo, em conivência com a mídia.

Decidido a cumprir seu juramento de cumprir a constituição de 1988, Bolsonaro incorre no mesmo erro dos que tentaram desatar o lendário Nó Górdio. Para os que não se lembram, aqui vai.

Nun templo da cidade de Gordium, na Ásia Menor havia um complicado nó que ninguém conseguia desatar. Corria a lenda de que o homem que o desatasse conquistaria a Ásia. Entrando com suas tropas na cidade, Alexandre visitou o local. Examinou o nó e compreendeu qual era o real problema. Não era o nó, era o desafio. Quem o aceitasse e tentasse desatar o nó mostraria que acreditava na lenda. Só um idiota poderia supor que a conquista da

Ásia dependia dum nó. Alexandre puxou a espada e cortou. Em seguida, conquistou a Ásia.

Essa história descreve bem a nossa atual situação política. O Nó Górdio, no caso, é a constituição com suas regras de governo. Bolsonaro tenta desatá-la, e por isso não consegue governar. Mas também não pode cortar o nó.

O povo, cada vez mais impaciente, exige medidas eficazes contra as quadrilhas no poder. Essas medidas implicariam a derrogação, pela força, da constituição de 1988. Ou seja, revolução. Se fosse apenas um ato de força, seria fácil. A questão é: e depois? Nem as FFAA, nem os que exigem revolução nas ruas, têm a resposta, pelo simples fato de que, diferente de 1964, em 2019 não existe doutrina revolucionária, portanto não há resposta.

Cientes disso, os políticos e os mandarinis do STF se acham seguros e desafiam, cinicamente, toda a Nação. Planejam desmoralizar o governo, afastar Bolsonaro e, com muito jeito, achar uma nova composição política, sem o petê (que se tornou um estorvo e deve ser descartado), a qual – quem sabe? – incluiria os militares. Seria o seu mundo ideal, porque cooptaria o seu maior adversário potencial, o enigmático fantasma que assombrou os governos civis por mais de trinta anos.

Isso tudo aconteceria na redoma de Brasília. Mas nas ruas o povo continuaria frustrado e, sem esperança de mudanças, poderia reagir. É bom lembrar que esse povo não é o mesmo que o PT mobilizava. É a população ordeira e produtiva do Brasil, os que trabalham, produzem, pagam impostos e sustentam o governo e o sistema político.

Nesse enredo de drama, o papel crítico cabe às FFAA, responsáveis em última instância pela **garantia da Lei e da Ordem**. Que Lei e que Ordem? Não lhes cabe perguntar, a resposta é óbvia: a da constituição de 1988 e do governo por ela legitimado. Inclusive, e especialmente, a segurança e o bem-estar dos caras do Congresso e os do STF. Que abacaxi. * Economista

N.R.: Em janeiro de 2016, três anos atrás, o INCONFIDÊNCIA publicava o artigo "O QUE ACONTECERÁ SE BOLSONARO FOR ELEITO", do mesmo autor, abaixo transcrito. Naquela ocasião ele já dava como certa a vitória de Bolsonaro e previa o que iria acontecer. Acredite se quiser!.

QUE ACONTECERÁ SE BOLSONARO FOR ELEITO

Chegar à Presidência será difícil. Governar será muito, muito mais.

Tudo indica que Bolsonaro está surfando uma curva exponencial ascendente. Seus índices de preferência, embora inferiores a 10%, têm tudo para crescer em rápida aceleração nos próximos dois anos, talvez suficiente para garantir-lhe, *ceteris paribus*, um terço ou mais dos votos, na pior das hipóteses, ou a maioria absoluta, na melhor. Há dois conjuntos de fatores a apontar nessa direção: a **catástrofe interna do Brasil** e a **catástrofe internacional**. Usamos o termo **catástrofe** no sentido literal do grego *καταστροφή*, "virada de cabeça para baixo". E isso mesmo o que acontece com o Brasil e o mundo neste momento. Como consequência formaram-se, em vários países, **vácuos políticos** em que a população rejeita todos os candidatos chapas-brancas, inclusive das falsas oposições. Nessas situações, líderes carismáticos e descomprometidos como Bolsonaro têm reais possibilidades de cavalgar o *tsunami* e, passando por cima de esquemas, espertezas e barreiras, chegar ao poder supremo.

Haja *tsunami*. Se Bolsonaro continuar a crescer, todas as facções no poder se unirão em pânico, desesperadas, dispostas a tudo para barrar seu caminho. Manifestações de rua, terrorismo, pelegada sindical, artistas, fefecheches, intelectualha, CNBB, índios, quilombeiros, xibungos e sapatonas, ongues, todos juntos. Não vai faltar dinhei-

ro: do Primeiro Mundo, milhões de dólares dessas fundações que financiam as ongues e a quinta-coluna apátrida; e, é claro, do próprio governo federal – apesar da Lava-Jato. Desnecessário dizer que a mídia se engajará *mit dem Hand aufs Herz* nessa campanha: afinal, Bolsonaro representa tudo o que os currupacos odeiam e temem na vida.

Apesar de tudo, haverá limites. Os adversários de Bolsonaro terão de respeitar as regras da Constituição de 1988. Talvez tentem saídas pela tangente, como emendas parlamentaristas ou outras improvisações. Mas, dividido como está, em equilíbrio instável e enrascado na crise, o sistema político terá dificuldade em articular-se para punidas de tapete. E, é claro, nem cogitará de golpe de Estado, pois não pode contar com as Forças Armadas e as organizações policiais para a aventura. Sem mencionar que, sendo a constituição de 1988 a **sua constituição**, o instrumento criado sob medida para garantir seu poder, o **sistema político** dificilmente sentirá em rasgá-la.

Em vez disso, mudará de estratégia.

Ao perceber que o jogo está perdido, acatará o resultado e, dentro das normas da constituição, empossará solenemente Sua Excelência, o Presidente Jair Bolsonaro. Mas, enquanto isso, a conspiração para derrubá-lo já terá sido articulada, de modo que o novo Presidente, cercado de inimigos e com seu governo infiltrado por agentes e informantes hostis, assumirá um campo minado.

A **campanha eleitoral** será difícil, mas muito mais difícil será **governar**. É improvável que Bolsonaro possa contar com apoio no Congresso. Sem dúvida poderá eleger certo número de novos deputados, mas longe de constituir maioria.

Não podendo contar com o sistema político, é óbvio que o apoio terá de vir **de fora**; e esse fato – confronto entre ruas e gabinetes – já prenuncia instabilidade.

A mais imediata base de apoio do novo governo serão os seus **eleitores**, que denominaremos **base eleitoral**. Entre esses, haverá duas classes: **os eleitores conscientes** e **os de ocasião**.

Os conscientes têm capacidade de mobilização e de auto-organização, e poderão formar quadros políticos confiáveis, que denominaremos **estrutura política civil**.

Outra estrutura potencial de apoio seria a Reserva das Forças Armadas. Nesse aspecto, nenhum outro grupo se compara. São irmãos de farda, cujas idéias, sentimentos e ideais em tudo coincidem com Bolsonaro. Além de tudo, são competentes e cultos; e grande número, cujas carreiras foram prematuramente amputadas pelo cruel sistema de promoções, ainda está no auge de suas capacidades. A esta estrutura, chamaremos **Reserva mobilizada**.

Haverá outros grupos, dependendo do esforço dos organizadores: empresários, vítimas do crime, religiosos, atiradores e – por que não? – intelectuais e artistas.

Finalmente, uma instituição especial, que não podemos chamar de **apoio**, mas desempenhará papel decisivo no que vier a acontecer: as próprias Forças Armadas.

Eis aí elenco resumido do drama. Resta saber qual vai ser o enredo: **fica tudo como está ou revolução?** E Bolsonaro, que **papel** pretende, e poderá, representar?

Respostas no próximo INCONFIDÊNCIA.

Publicado no Inconfidência, nº 223 - Janeiro/2016

